

**BARBOSA, Andréa. *São Paulo, Cidade Azul*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2012. 256 p.**

Kelen Pessuto<sup>1 2</sup>

### **Quando a antropologia, o cinema e a cidade se encontram**

A antropologia visual tem tomado corpo no Brasil e é cada vez mais significativo o número de pesquisadores que optam por estudar e produzir imagens (sejam elas estáticas ou em movimento) em suas pesquisas. O cinema, seja ele documental ou ficcional é produto de uma sociedade e uma forma privilegiada de acesso ao imaginário de um povo, que permite aprofundar a compreensão de como essa sociedade constrói seu universo simbólico. As imagens são boas para pensar...

Andréa Barbosa é uma destas pesquisadoras, que dedica grande parte de sua obra e de seus estudos ao diálogo entre o cinema e a antropologia. Graduada em história, com mestrado e doutorado em antropologia social, escreveu também *Antropologia e Imagem* (Zahar, 2006) e é organizadora e autora dos livros *Escrituras da Imagem* (FAPESP/Edusp, 2004) e *Imagem-Conhecimento* (Papirus, 2009), além de diretora de diversos documentários.

Em *São Paulo, Cidade Azul*, Andréa Barbosa realiza uma apurada e poética análise sobre os filmes paulistas produzidos na década de 1980. De cinquenta e dois filmes assistidos pela autora, sete foram selecionados. São eles: *Disaster Movie* (1979) e *Diversões Solitárias* (1983), ambos de Wilson Barros; *Cidade Oculta* (1986), de Francisco Botelho; *Anjos do Arrabalde* (1986), de Carlos Reichenbach; *A Dama do Cine Shangai* (1987), de Guilherme de Almeida Prado; *Anjos da Noite* (1987), de Wilson Barros e *Wholes* (1991), de Cecílio Neto.

No seu recorte, a autora considera “alguns elementos recorrentes na construção do imaginário das metrópoles como solidão, fragmentação, relação tensa entre tempo e espaço e suas formas de resignificação operadas por esta produção” (: 103).

Dividida em sete capítulos, a obra nos envolve no universo da cidade, da antropologia, das imagens e dos indivíduos (espectadores, transeuntes, habitantes). Imaginário, memória e experiência perpassam toda a análise. Nas 256 páginas da obra, a

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Brasil.

<sup>2</sup> Mestre em Artes pela Unicamp. Pesquisadora do GRACIAS (Grupo de Antropologia em Contextos Islâmicos e Árabes), NAPERDRA (Núcleo de Antropologia, Performance e Drama) e GRAVI (Grupo de Antropologia Visual). Doutoranda em Antropologia Social pela USP (2013). Contato: kelen.cinema@hotmail.com.

autora pensa junto com Henri Bergson, George Simmel, Miriam Moreira Leite, Deleuze... nos levando a uma experiência que extrapola o discurso fílmico.

Logo na introdução, a autora estabelece seu lugar como pesquisadora e leva em conta sua própria experiência cotidiana da cidade. Como parte da pesquisa, Andréa Barbosa realizou o curta-metragem *O resto é o dia a dia* (2002), que lhe permitiu uma outra maneira de enxergar a cidade, através da lente seletora da máquina. Olhar, experiência vivida, imagem, memória e conhecimento somam-se, intensificando seu trabalho.

Sua análise é transversal e privilegia não só o que os filmes têm em comum, mas também o que os diferencia, o que eles mostram ou preferem ocultar. Nestes filmes o tempo do trabalho (abordado por diversos filmes que olham para a cidade) dá lugar ao olhar do *flanerie* em uma cidade que é passagem e personagem ao mesmo tempo.

### **A cidade de São Paulo**

Em *São Paulo, Cidade Azul*, a metrópole (física ou fílmica) é vislumbrada em seus mais diversos aspectos. O leitor é levado a pensar sobre sua própria experiência na cidade onde habita, seja ela qual for. Ele adentra no universo construído de uma maneira que é impossível olhar para a cidade com os mesmos olhos de outrora.

Qual o olhar que lançamos à cidade cotidianamente? Como o cinema olha para a cidade? São olhares movidos “não só pelo intelecto, mas pela inserção social, experiência de vida e a cultura do sujeito que vê” (: 53). O repertório de cada indivíduo faz com que sua experiência diante da cidade e dos filmes sobre ela seja única.

A cidade-imagem toma forma e a experiência vivida é transformada em experiência visual, imagem, seleção, mediação. O olhar indiferente que os habitantes da cidade debruçam sobre ela não é o mesmo olhar do cinema, um olhar que seleciona, recorta, amplia, destaca, ganha filtros, novos ângulos e é mediado pelos aparatos cinematográficos.

A cidade nos filmes não é a cidade cotidiana é uma “cidade noturna, azul, úmida, povoada de anjos e marginais (ou anjos marginais) que perambulam entre becos e muros intermináveis. Anjos que moram numa cidade luz que também é uma cidade lixo, abrigando vida e morte, luz e sombra” (: 102).

Ao associarmos uma cor à cidade de São Paulo, a primeira que costuma nos vir à lembrança é o cinza. Cor representada pelas construções (novas e antigas) e, sobretudo,

pela poluição. Andréa Barbosa consegue nos fazer enxergar uma São Paulo azul, através de seu olhar sobre estes filmes. Uma cor ambivalente: “o azul, se em alguns momentos pode ser evocado como a cor da calma e da placidez é também a cor da frieza, do morto e do sangue do nobre” (: 223). Cor associada tanto à depressão quanto à tranquilidade, que pode evocar dois lados da mesma moeda, dependendo de sua intensidade. É assim que vê São Paulo representada nesses filmes, envolta por uma luz, noturna “fria, opaca, quase impessoal” (: 119).

A cidade também carrega sua ambivalência: “A cidade é lugar de passagem e do desencontro, mas também é o da permanência e o do encontro” (: 165). Nos filmes analisados São Paulo aparece como uma cidade difícil, múltipla, cheia de contrastes e ao mesmo tempo como uma cidade sedutora (cidade-mulher). Ambivalência presente também nos ângulos escolhidos pelos cineastas, que vai dos *skylines* aos becos, dos grandes espaços aos sufocantes, dos buracos à amplitude.

A relação que os personagens estabelecem com a cidade e como os cineastas a enxergam permite que ela se torne também um personagem nestes filmes, sua presença vai além do enquadramento.

## O cinema

O cinema como artefato cultural, que opera os códigos culturais de uma sociedade, através de elementos simbólicos como montagem, luz, enquadramentos é discutido com profundidade no capítulo 2. Cinema e sociedade são vistos por ela como uma rua de mão dupla, pois ao mesmo tempo que constrói representações da sociedade de onde é originário, permite um retorno de forma “digerida” e “resignificada” dessas representações para a própria sociedade (: 81-82).

A autora pontua outros filmes importantes realizados sobre a cidade de São Paulo, e considera os anos 1980 como um período rico para o cinema paulista, pois além da produção comportar um grande número de filmes produzidos, eles retratam uma cidade múltipla, um cinema, como a autora classifica, com “a cara” de São Paulo.

Os filmes analisados são contextualizados tanto na cinematografia produzida sobre as metrópoles mundiais, quanto nos filmes produzidos em território nacional nos anos 1980. Nesta época, havia uma tentativa de se distinguir tanto do ‘cinema novo’, quanto dos filmes produzidos pela Embrafilme, ao mesmo tempo que este cinema buscava ser reconhecido como um cinema nacional (:102).

São anjos e *outsiders* que habitam esta São Paulo de imagens. Anjos, que a própria autora frisa terem a ambiguidade presente nos mitos da cabala hebraica e nas epístolas de São Paulo, que possuem sua luz e sua sombra, que transitam e vivem na cidade. “A cidade é representada no cinema por meio de um jogo entre a subjetividade de seus personagens e a objetividade de sua presença física. É na objetividade do espaço que se exercem as possíveis subjetividades” (: 147). O encontro do cineasta com a cidade e a relação que os personagens estabelecem com ela permite criar uma nova cidade via imagens e sons.

Somos levados a pensar a cidade-tempo, a cidade-memória, a cidade-movimento, a cidade-experiência, a cidade-imagem. Na leitura de *São Paulo, Cidade Azul*, o leitor tem o prazer de construir sua própria São Paulo de imagens, criadas pela imaginação de quem está lendo, mesmo que esta pessoa não seja um habitante da metrópole ou nunca tenha visitado-a. As referências imagéticas trazidas pela autora faz com que toda nossa memória, assim como nosso imaginário se atualize, criando nós mesmos a nossa cidade.

Recebido em: 19/11/2012

Aprovado em: 10/12/2012